

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROCESSO SELETIVO 2012**  
**PROVA ESCRITA – MESTRADO**

**INSTRUÇÕES:**

- Escolha uma das opções.
- Indique na página de rosto o número da opção escolhida.
- Use caneta azul ou preta.
- DURAÇÃO DA PROVA: 03 horas.

Boa Prova!

**Linha 4 - RELAÇÕES INTERNACIONAIS E DESENVOLVIMENTO**

**OPÇÃO 01**

Discuta o seguinte trecho:

“Marx e Keynes já haviam compreendido que a característica central do capitalismo não é a produção de mercadorias por meio de mercadorias, nem vai ser encontrada na coordenação, efetuada através dos mercados competitivos, dos planos dos indivíduos racionais, na busca da maximização da utilidade. Admiradores da sua enorme capacidade de produção de mercadorias e de seu formidável potencial de satisfação de necessidades, para eles o capitalismo é um regime de acumulação de riqueza abstrata. Se, por um lado, é admirável o seu potencial de criação de riqueza material, de progresso tecnológico e de bem-estar das nações, de outra parte é assustador o seu inerente desprezo pelas condições particulares da existência dos povos e pelos conteúdos da vida” (BELLUZZO, L. G. M. – “Finança global e ciclos de expansão”. In: Fiori, J. L. (org.) – *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 115-116)

“O século XIX produziu um fenômeno sem precedentes nos anais da civilização ocidental, a saber, uma paz que durou cem anos – 1815-1914. (...) Esse triunfo do pacifismo pragmático certamente não foi o resultado de uma ausência de causas graves do conflito. (...) Esse acontecimento quase miraculoso foi consequência do equilíbrio do poder que, aqui, atingiu um resultado normalmente estranho a ele. (...) O fator inteiramente novo (...) foi a emergência de um forte interesse pela paz. (...) Após 1815, a (...) repercussão da Revolução Francesa reforçou a maré montante da Revolução Industrial, estabelecendo os negócios pacíficos como um interesse universal. (...) Os que apoiavam o novo ‘interesse pela paz’ era (...) aqueles que mais se beneficiavam com ela, isto é, aquele cartel de dinastias e feudais cujas posições patrimoniais eram ameaçadas pela onda revolucionária de patriotismo que avassala o continente. Desta forma, por um período aproximado de um terço de século, a Santa Aliança forneceu a força coercitiva e ímpeto ideológico necessário a uma política de paz atuante. (...) Entretanto, o Concerto da Europa, que a substituiu, não dispunha dos tentáculos feudais e clericais. (...) E, no entanto, o que a Santa Aliança (...) só conseguiu alcançar na Europa com a ajuda de freqüentes intervenções armadas, foi alcançado aqui em escala mundial por uma entidade difusa chamada Conserto da Europa, com a ajuda muito menos freqüente e opressivo do uso da força. Para tentar explicar este feito surpreendente, temos que procurar algum poderoso instrumental social ainda não descoberto, atuante nesse novo ambiente, (...) a *haute finance*. (...) Enquanto o Concerto da Europa atuava apenas durante intervalos, a *haute finance* funcionava como uma agência permanente, do tipo mais elástico. Independente de governos particulares, mesmo os mais poderosos, estava em contato com todos; independente dos bancos centrais (...), estava estreitamente ligada a eles. Havia um contato íntimo entre a finança e a diplomacia (...). Organizacionalmente, a *haute finance* foi o núcleo de uma das mais complexas instituições que a história do homem já produziu. (...) Além do centro internacional, a *haute finance* propriamente dita, havia uma meia dúzia de centros nacionais gravitando em torno dos seus bancos de emissões e bolsas de valores. Os banqueiros internacionais não se limitavam a financiar governos, suas aventuras de guerra e paz; faziam investimentos externos na indústria, nos serviços públicos e bancos, bem como empréstimos a longo prazo a corporações públicas e particulares fora do país. A finança nacional, por sua vez, era um microcosmo. (...) A *haute finance* não foi instituída como instrumento de paz (...). O objetivo da *haute finance* era o lucro. (...) A finança internacional tinha que enfrentar as ambições conflitantes e as intrigas das grandes e pequenas potências. Seus planos eram subvertidos pelas manobras diplomáticas, seus investimentos a longo prazo eram comprometidos e seus esforços construtivos prejudicados pela sabotagem política e as obstruções em surdina. (...) A grande maioria dos portadores de títulos governamentais, assim como outros investidores e negociantes, seriam os primeiros perdedores com (...) guerras, principalmente se as moedas fossem afetadas. A influência que a *haute finance* exercia sobre as Potências era sempre favorável a uma paz europeia. Essa influência foi atuante na medida em que os próprios governos dependiam da sua cooperação (...)” (POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000, pp. 19-29).

Em que medida essa análise de Karl Polanyi a propósito do século XIX pode ser estendida à época atual, marcada pela grande crise econômico-financeira que eclodiu a partir de 2007?